

## SUJEITOS, PERCEPÇÃO E ARTE – A BONITEZA DA PRÁTICA DOCENTE

SUBJECTS, PERCEPTION AND ART – THE BEAUTY OF TEACHING PRACTICE

Marcus Venicius Filgueira de Medeiros  
Mestrando da pós-graduação no mestrado interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas –  
UERN.  
Membro do grupo de pesquisa do Grupo do Pensamento Complexo – GECOM - UERN.

Karlla Christine Araújo Sousa  
Docente do curso de pós-graduação – Mestrado interdisciplinar em Ciências Sociais e  
Humanas – UERN  
Pós-doutora (UFRN);  
Coordenadora PPGCISH/UERN.

### RESUMO

Esta é a *Cartografia perceptiva*<sup>1</sup> biográfica inscrita sobre a atuação de um professor, escritor e contador de história na atuação do exercício da arte literária para a estética da condição humana sob o olhar docente e sua *bonitez*<sup>2</sup>a. Tem como objeto narrar o devaneio poético do agir pedagógico cotidiano implicado nas trocas de saberes, e na sedução para a formação do leitor receptivo, crítico, em devir degustativo textual implicado na *cosmopercepção* – espaço/tempo dialógico entre sujeitos da enunciação. É um recorte referendado no método (auto)biográfico das ciências sociais, verossímil ao entendimento de um fenômeno social envolvendo as *parlapatices*<sup>3</sup> dos sentidos memorativos do sujeito da enunciação emergidos da introspeção ou provocados pelos estímulos ambientais. Uma pesquisa embasa no referencial teórico eclético, mas que provocam o diálogo acerca dos elementos envolvidos para a compreensão do que está subentendido nas entre linhas. É da narrativa oral corporificada na pesquisa-Formação, ressonando nas etapas de atividades reflexivas e interpretativa dissecada no relato de vida do ser de educação, sua re-existência e atuação *performativa* didático-metodológica. É um recorte afinado com o sujeito da enunciação em busca de si e dos seus confrontos paradoxais para um pensar e um sentir embasado na descoberta do texto literário, sua arte e os confrontos com as personagens arraigadas de verossimilhanças e de mimese. Uma poética densa e condensada no aparato entre realidade e ficção. Desta forma, passa a ser um registro de pertencimento para a articulação artística atravessada nas subjetividades do ser-sujeito-no-mundo como também para se estabelecer o diálogo na quebra dos silêncios estabelecidos nas obras literárias, uma perspectiva de trazer o corpo, sua corporeidade performativa e a voz na palavra dita/lida para um processo de ensino e aprendizagem no viés do agir pedagógico para uma ação-reflexão-ação em sala de aula, para a vida, no entrelaçamento da construção do pensamento crítico e articulado do ser da aprendizagem em diálogo com o ser de pesquisa e seus devaneios.

**Palavras-chave:** Arte. Condição humana. Literatura. Percepção. Performance.

---

<sup>1</sup> Termo ressignificado por mim – sujeito pesquisador – para designar a ideia de contextualizar o sentido da palavra no texto. Aqui, uso como unidade sociocomunicativa como processo de pesquisa e produção sociopoética.

<sup>2</sup> Paulo Freire (1996), *Pedagogia da Autonomia*.

<sup>3</sup> Paul Zumthor (2018), *Performance, recepção e Leitura*.

### ABSTRACT

This is the biographical perceptual cartography inscribed on the performance of a teacher, writer and storyteller in the performance of the exercise of literary art for the aesthetics of the human condition under the eyes of teachers and their beauty. Its object is to narrate the poetic daydream of the everyday pedagogical action involved in the exchange of knowledge, and in the seduction for the formation of the receptive, critical reader, in a textual tasting process implied in cosmoperception – dialogical space/time between subjects of enunciation. It is a cut referenced in the (auto)biographical method of the social sciences, credible to the understanding of a social phenomenon involving the chatter of the reminiscent senses of the subject of the enunciation emerged from introspection or provoked by environmental stimuli. A research is based on the eclectic theoretical framework, but that provoke the dialogue about the elements involved for the understanding of what is implied between the lines. It is from the oral narrative embodied in the research-Formation, resonating in the stages of reflective and interpretive activities dissected in the life story of the being of education, its re-existence and didactic-methodological performative action. It is a cut in tune with the subject of the enunciation in search of himself and his paradoxical confrontations for a thinking and a feeling based on the discovery of the literary text, its art and the confrontations with the characters rooted in verisimilitudes and mimesis. A dense and condensed poetics in the apparatus between reality and fiction. In this way, it becomes a record of belonging for the artistic articulation traversed in the subjectivities of being-subject-in-the-world as well as for establishing dialogue in breaking the silences established in literary works, a perspective of bringing the body, its corporeity performative and the voice in the word *sita/lida* for a teaching and learning process in the bias of pedagogical action for an action-reflection-action in the classroom, for life, in the interweaving of the construction of critical and articulated thinking of the being of learning in dialogue with the research being and his daydreams.

Keywords: Art. Human condition. Literature. Perception. Performance.

### PARLAPATICES

Seria possível iniciar narrando o fato bordado de ideias para um final feliz ou um conto aberto às provocações do leitor, mas não será assim. De início, tenho a necessidade de costurar esse retalho e falar da cartografia poética adotada como unidade sociocomunicativa do registro daquilo que será experienciado neste relato de sujeito do saber, ser de desejos, indivíduo de arte, pois estou divagando de boniteza, nessa voz abrolhada pela minha memória, com o viés de matar a sede na ação de enredar, invernada por esse ser tão brejeiro na necessidade de trazer meio quilo e meia libra de sua experiência de professor, de escritor e de contador de história. Para Mikhail Bakhtin (2015), diz que:

A própria linguagem literária – falada e escrita –, já sendo única não só por seus traços linguísticos abstratos, mas também pelas formas de assimilação desses elementos abstratos, é estratificada e heterodiscursiva em seu aspecto semântico-material concreto e expressivo. (BAKHTIN, 2015, p. 63)

É o exercício (auto)biográfico – uma prosa/poética de experiências sem rodeios, sem proselitismo. Tudo curto e reto, mas com a delicadeza do ato de reexistir no contexto do

desembaraço de sentir-pensar, no vácuo do instante, como um vagalume acertando o caminho sob a escuridão do céu porque acendeu o farol, planejou a direção e se foi, na arisca, da experiência cotidiana, pois viver, é, também, trazer para as superfícies tudo aquilo acumulado no inconsciente, é ser a própria arte, inscrever-se com os sentidos e se refletir na percepção visual mais densa e cinestesia pulsante de se recriar na razoabilidade em nome dos simbolismos expressivos. “A palavra vive fora de si, em seu direcionamento vivo para o objeto[...]”.

(BAKHTIN, 2015, p. 67).

Aqui é a semente germinada na metáfora do agir pedagógico desse chão rachado e aguado pelas relações reembolsadas do ensino-aprendizagem pelo curso discursivo, sem o disparate pretencioso do rigor em seguir conceitos ríspidos e impedidores de cegueira sobre o belo. É o recorte temporal livre arraigado de uma experiência criadora de ofertar e receber; de ceder e conceber; de ser de alma e de ser de corpo; de razão e de emoção; de dualidade e de dicotomias, de leituras e de intersubjetividades. Ainda no mesmo viés, Bakhtin (2015):

Em essência, a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva situar-se, para a consciência individual, na fronteira entre o que é seu e o que é do outro. A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de uma intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fá-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva. Até este momento de apropriação, a palavra não está numa língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que o falante tira a palavra!), mas em lábios alheios, em contextos alheios, a serviço de intenções alheias: é daí que deve ser tomada e tornada sua. (BAKHTIN, 2014, p. 69).

O artifício agro-lógico do ser e da essência de hortelã para a enunciação do estado de despertado na parlata. Faço deste espaço o divã simbólico-significativo de quem considera, arte, a literatura nas diversas manifestações da linguagem, suas percepções transformativas de leitores amantes dos gêneros textuais, suas estéticas, seus estilos e seus contextos de criação armazenados na fertilidade memorativa. “[...] um texto só existe, verdadeiramente, na medida em que há leitores[...]”, Paul Zumthor (2018, p. 24). Eu sou texto, posso ser lido. Somos páginas de textos, podemos ser revisitados.

No piscar do olho, posso anunciar a trajetória da volta, esta possibilita o encontro dos mundos ou dos tempos: passado e futuro implicados na mesma composição do sujeito da enunciação da boniteza docente da vida; empoderar-se da noção crítica e reflexiva do espaço e do tempo abrolhados como fator preponderante do qual o dito não fique simplesmente na superfície da higienização introspectiva ou se reduza à simplicidade de ser apenas inquietado. É urgente o grito livre de amarras cuja a voz, na sua intenção comunicativa, possa dilacerar o

sujeito construtor de paradigmas aptos a tornarem vivazes a existência da poética no jarro – sala de aula – nas relações sociais. Zumthor (2018):

Por isso, tratando-se da presença corporal do leitor de “literatura”, interrogo-me sobre o funcionamento, as modalidades e o efeito (em nível individual) das transmissões orais da poesia. Considero com efeito a voz, não somente nela mesma, mas (ainda mais) em sua qualidade de emanação do corpo e que, sonoramente, o representa de forma plena (ZUMTHOR, 2018, p.27).

No lugar de agricultor, afirmo que este plantio aflora do exercício da lavoura, no meio do barro rochoso da obrigação, em meio a olhar impactante, sedento, com a corporeidade latente pelo querer encoberto pelo cabo da enxada, disputando um palmo de poeira debaixo da oiticica – abstrações imagéticas. Tem o objetivo de narrar o devaneio poético da implicação de leitor e do devir degustativo decomposto do lugar de lá (passado), até aqui (presente) nessa recepção de atuação do leitor operário da ação de ler. Ainda Zumthor (2018, p.25), vem à baila com: “Gostaria aqui de esboçar simplesmente um tal percurso, interrogando-me sobre o papel do corpo na leitura e na percepção do literário”.

Não vou refutar o todo para a compensação de uma parte mínima, sou capaz de considerar o esforço ofertado como mudança para o foco orgânico das políticas públicas, embora haja a moeda da troca no balcão do interesse. É possível perceber a chuva de moeda em folhas arrancadas ao vento nos canais de comunicação midiáticos sobre investimentos na educação, contudo, no tempo da colheita, os resultados são pífios, o milharal não brotou, deu a peste e todo o investimento foi agro-tóxico. Quando o campo é avaliado pelas instâncias competentes, sempre apresentam margens desfavoráveis ao labor com a parole, com a fertilização de leitores desta nação: a casa do João-de-barro ficou só no projeto, na ideia, nos primeiros galhos.

O fato é: em casa de ferreiro, espeto de pau. Desenvolver saberes, provocar desejo e servir arte em um ambiente hostil é querer tirar leite de pedra. Isso dito do lugar de fala da falta de sensibilidade de se reconhecer autonomias, visões, focos, pontos de vistas e tratar docente como a metáfora do papagaio – repetidor de. Para isto, alerta Maurice Tardif (2014, p.37) quando:

Mas a prática docente não é apenas um objeto de saber da ciência da educação, ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos. Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo [...]”. (TARDIF, 2014, p. 37).

Foi, debaixo dessa sombra, que o galho se rompeu, o enxame se espalhou e uma chuva de abelhas a coreografar, no tempo, a ideia possível de tecer uma colmeia a partir da seguinte implicação: Por que a escola tende a engradar o ensino da literatura, negligenciando o corpo e a sensibilidade?

Nem adianta querer tapar o sol com a peneira. É uma irrigação plausível para o latifúndio emergente dessa cartografia poética alicerçada nos vários desafios da docência em trabalhar sujeitos ímpares, plurais, construídos a partir das suas experiências e vivências. Então? Não poderia ser iniciada diferente, poderia? Eu acho que não, fui até razoável para tornar o solo menos arenoso. Seguindo a trilha do vagalume, aqui, é também a sustentação da ideia de que a vida é essa soma de oportunidades, de diálogos, de formação através dos entrelaçamentos com outros sujeitos em uma dada comunidade habitada por seres de linguagem, de comunicação, a produção intersubjetiva, num processo dinâmico, pois os registros e expressões vão formando as nossas memórias; nossos procedimentos e domínios da vida; nossas estratégias de trocas de comunicação com os outros, assim como a construção do saber-pensar em referenciais explicativos e compreensivos, Josso (2010).

No meu matutes, nada aqui deixa de ser uma pesquisa científico-qualitativa, pois se trata da observação e análise de um fenômeno sociocultural em um dado contexto sócio-histórico, usado como método o (auto)biográfico em ciências sociais e a narrativa oral para o diálogo com a pesquisa-Formação do ser-sujeito mediador do processo de ensino e aprendizagem da arte literária, sendo a aprendizagem uma necessidade do ser para o afinamento da sua condição humana. “O sujeito de que falamos aqui é aquele que ocupa um lugar no discurso e que se determina na relação com o outro”, (MARCUSCHI, 2008, p. 70). O aquecimento epistemológico serve para o atravessamento de si e quebra dessas paredes abissais de higienização entre sujeitos. É o redesenho, o alinhamento da importância daquilo que se aprende, se ensina, se troca, se multiplica pelos sentidos.

Cheguei até aqui e nem perdi minha palha do canto de boca, muito menos precisei de desviar o caminho. As tramas das porteiras foram criando asas e se abrindo sozinhas, como as páginas de livros criam suas asas quando são debruçadas pelos olhos dos leitores. Este é o foco do trabalho para o entendimento mais preciso acerca da boniteza da prática docente cotidiana, não devia ser diferente, ao contrário, deve ser performativa como a arte e a literatura, esse mistério bom de ser desvendado, desbaratinado. Faço a fusão das formas antagônicas de se compreender a produção do conhecimento produzido pelo sujeito social, é isso: o instante da exposição do conhecimento arraigado a um rigor científico que o faz motivo de higienizar e

distanciar os sujeitos versus o conhecimento mais acolhedor, subjetivado, compreendido a partir da atuação do sujeito no processo de co-labor-ação.

É o miolo inquietado do sujeito-pesquisador, o olhar de atravessamento para se construir uma ciência a partir de dois pontos, duas possibilidades, duas ferramentas possíveis de se desejar o almejado. “O sujeito [...] produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história”, (MARCUSCHI, 2008, p. 70).

A cartografia poética é uma expressão além de apenas palavra para designar que existe espaço dentro do rigor da academia para essa forma mais singular de usar a palavra nos textos exigidos como os que vão tornar monumento a produção da pesquisa. Tudo advindo da parlapatice do ser da minha existência, das vozes latentes e pulsantes dos vendedores anônimos, passantes da rua da minha morada, do bairro, da correria da criançada querendo trocar picolé por garrafa ou tirar uma casquinha do vendedor de cavaco chinês. Nestas cenas, atravessadas em mim, já existiam a arte, a literatura, as linguagens, o que depois seria a grande descoberta deste ser professor, escritor e contador de história, pois ninguém se forma no estalar do dedo ou no instalar do instante, vai sendo inscrito pelas experiências e vivências afloradas em contextos de explosão.

Eu não sou de implosão, sou de explosão, de trazer para fora, de fazer a costura para fora como motivo de exposição, de sair da ausência e passar a ser do pertencimento da percepção da vida, pelo corpo e pela voz; pela cinestesia e sinestesia; por toda verossimilhança contornada de ações e atividades significativas nos processos de formação do sujeito enunciado.

Hora de provar os fatos, ou não, mas de dizer daquilo que se passa no nosso interior e vem como calos de prazer nos pés das nossas andanças. Eu não estou só, não sou singular nem individual, apenas, sou plural, sou coletivo. Zumthor (2018) afirma que:

É figurativamente que emprego aqui a primeira pessoa. O eu só importa pelo que ele detona: a saber, que o encontro da obra e de seu leitor é por natureza estritamente individual, mesmo se houver uma pluralidade de leitores no espaço e no tempo. Essa personalização da leitura foi fortemente acentuada, é verdade, desde que, a partir dos séculos XV, XVI e XVII fundiu-se uma prática puramente visual e muda. Nas épocas mais antigas, em que os livros eram lidos em voz alta e geralmente diante de uma polaridade de receptores que percebiam o texto de ouvido, uma certa descida em profundidade na espessura do discurso era, sem dúvida, mais difícil do que ela é hoje; o controle social, a censura, limitava ainda mais eficazmente os efeitos. Por isso, sem dúvida, no século XVIII começou-se a denunciar no romance um perigo (sobretudo para as mulheres) pelo simples fato de que a leitura deixou de pertencer à ordem pública (ZUMTHOR, 2018, p.51)

## O ACENDEADOR DE PALAVRAS

Eu existo, isso é sério. É uma afirmação de mim. Existir enquanto sujeito da enunciação inebriado pela palavra e pela ação de ensinar é um desafio arduo: contente e descontente. Enredar, para outras pessoas, aquilo que está fervendo dentro de mim, faz de mim um personagem literário como a *Iracema* do romance homônimo, de *José de Alencar*, e o segredo da jurema, a índia destemida que quebra a linha da divisão, se lança e é lançada ao fogo da prova. Desta forma, Paulo Freire (1996, p. 136), diz que: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. Os enredos estão em mim, os discursos e as palavras vão me traduzindo.

A existência é um saber, um desejo ou uma arte? Vivo essa berlinda da busca de uma resposta, todavia não cruzo os braços e fico à deriva, na espera de que ela seja um fruto de uma árvore ou uma estrela caída do alto para se fazer um pedido. Eu me arrisco, todos os instantes, como a Macabeia, do romance “*A Hora da Estrela*” de *Clarice Lispector*, para topar com ela na sobra da esquina, na quina da calçada, dentro da bolha de fabricar educação. Travo essa briga em Eu e mim sem temer o resultado, se será a possibilidade de arder ou de se encantar com as palavras da vidente. Faço melhor, crio, nela, uma esfinge.

A existência é o saber, do desejo da arte. Pode nem responder, mas dá retalho para ser tecida essa colcha de retalhos. Esse é o jogo da minha atuação docente: trazer para o processo de ensino e de aprendizagem essa existência plausível, não plástica, mas com a beleza do que brota ao alcance dos olhos ou pelo espaço do infinito, porque o ato de educar deve transpassar o estado de orvalho de cada sujeito da aprendizagem. Ninguém aprende sem que desperte dentro de si o prazer, a atitude, o desejo do querer se apropriar do estado, da ação e das mudanças das coisas. É onde reside a sedução pela palavra, pelo dito, pela ação discursiva de se embrenhar nas relações mútuas da conquista da quebra do silêncio. Para Cláudio Almir Dalbosco (2007, p. 61), assevera que: “O aspecto significado do conceito de interação reside no relacionamento humano. Para que seres humanos consigam interagir entre si, eles precisam ‘mostrar-se’ uns aos outros”.

Um atalho: esta pesquisa nasce da minha experiência de professor de literatura na rede pública estadual de ensino no RN, no ensino médio. Digo isso para justificar o meu pertencimento e a minha ousadia de poder me colocar como sujeito dessa narrativa a partir da influência e motivação de quem inventou de inventar o método biográfico em ciências sociais. Como nos assevera Morin (1995), quando diz que:

Contudo, apesar da minha prática introspectiva, estou na maior parte das vezes ao lado de mim, e em alguns momentos, justamente porque me observo, já não sei o que verdadeiramente experimento, verificando assim um princípio de incerteza psicológica: ninguém pode simultaneamente observar-se em pleno e viver em pleno. Às vezes, sinto a presença muito próxima do meu duplo, estranho a mim mesmo e que, no entanto, sou eu. Outras vezes, pelo contrário, sendo-me estranho, observo-me a partir do meu duplo. Reconheço no fundo de mim um abismo insondável, que, não deixando de me ser próprio, é o de cada um de nós. (MORIN, 1995, p.12)

A arte literária faz o mundo, dá cinestesia, como o livro “*A máquina*”, de *Adriana Falcão*, põe a engrenagem para moer a inércia, esse deve ser o tablado da encenação, através dela se estabelece os diálogos possíveis para o desenvolvimento histórico social da condição humana, daí a afirmação de que ela se faz presente: na música, no teatro, na cantoria, no poema, no cancionário, nas resenhas e dramaturgias, no direito fricativo de sonhar, de fazer planos, de sair do lugar de si e viajar pelo lugar dos outros, mais distantes, inimagináveis. É na palavra, e pela palavra, que se enxerga a máquina do tempo, sua passagem e evolução; passa-se a tomar decisões a partir dos enredos cosidos na introspeção mediadora de saberes, desse olhar, do agir pedagógico desdogmatizado, desinstrumentalizado de rigores (DALBOSCO, 2007). Assim, como para Morin (1995, p.17): “Era o romance que alimentava a minha substância mais íntima”.

Não é impossível de se tomar gosto pela palavra contada pelos outros ou lida nas páginas dos livros. Tudo pode ser motivo de fascinação, de se querer criar pipas com elas e as fazerem livres pelo universo, enchendo os varais de versos e o sorriso de desvendador de mistérios. Eu me sinto, nesse instante, como o romance “*A Escrava Isaura*”, de *Bernardo Guimarães*, debruçado sobre o piano de mim a desenvolver essa partitura perceptiva. Através da consciência de mim, assumo o meu lugar de fala por mais inóspito que seja, sem beleza, e o torno boniteza reflexiva de minha práxis, da ação-reflexão-ação de descobrir a mim como amante dessas personas que sou e as faço ressonar.

Discorrer sobre o sujeito, o desejo e a arte engatilhados à boniteza da prática docente é poder revisitar o tempo do meu itinerário humano, cultural e ideológico impregnados de seus marcadores na minha história emergida na pesquisa-Formação de quem se enfeita dessa temática, vai desbravando esse universo de possibilidades em torno do significado de pertencer ao mundo.

Maurice Tardif (2014), diz que são saberes brotados da experiência e são validados por ela sob a forma de habitus e habilidades de saber-fazer e de saber-ser na prática, pois a existência vai sendo costurada por essas obliquidades narrativas de ação nesse cenário de vocalização, de literatura e de condição humana. Existir e experienciar são estados e são ações de coisas que

por mais que se busque explicação, haverá sempre os mistérios do que está pressuposto e do que está subentendido na curiosidade de quem busca revelar estes infortúnios.

Existe a presença de outras vozes que se somam a minha voz, no tempo, no percurso incisivo de me autoafirmar nas descobertas: os cheiros da rua, os apertos de mão, os contextos explorados pelas brincadeiras de jogos cantados, a criação das regras dos jogos, além da voz do silêncio passando na visão, adentrando a audição, se instalando na respiração e firmando habitat na pele. São as sinestésias inscritas na performance alimentada pelo devaneio de ser, da leitura possível de ser-sujeito-no-mundo da civilização tecnológica, pós-industrial, ditando regras e normas para os novos comportamentos e padrões estéticos, de forma a suprimir culturas, atitudes, outras ações na imposição de absorver toda essa carga de transformações e mudanças em nome de uma sociedade de consumo, de coisificação do corpo, de uma nova era para a oralidade, diferente de outros tempos. Para Paul Zumthor (2018):

Pode ser, na história de um texto poético, distinguir vários momentos: o momento de sua *formação*, depois, necessariamente (uma vez que esse texto, pelo menos de maneira virtual, destina-se a se tornar público), há a *transmissão*. Esta propicia a *recepção*. Depois ele se *conserva*, em consequência da outra característica própria do texto poético, desalienar-se no que se refere às limitações do tempo. Em seguida, teremos outras recepções, em número indefinido: eu as reúno sob o termo *reiteração*. Em cada um desses momentos, o suporte pode ser tanto a palavra viva quanto a escrita. Disso resulta teoricamente (salvo engano) uma centena de situações possíveis! Considero unicamente os dois extremos. (ZUMTHOR, 2018, p. 60)

Este é um trabalho cooperativo, conciliador, de resignificação e de autorreflexão acerca da leitura de oferta do mundo sob o olhar do outro, de nós mesmos e da sociedade em torno de nós, ao mesmo tempo em que é singular, não individualista, de um corpo arraigado de afetos e desafetos no contexto do tempo em atividade, cavando o seu território de ocupação através dos ideais de um protagonismo afetivo e efetivado, através da voz, o corpo. É, na verdade, o enredo de personagens e suas verossimilhanças de abstração pela arte, o desencadear do poder persuasivo e discursivo à luz das inquietações processadas pelo sentir o sabor das vozes de quem está narrando todo esse enredo de memórias, de subjetividade, de afeição, de performance, de corporeidade, de autoafirmação do assumir-se como alguém que faz da palavra o seu universo. Para Leda Maria Martins (2021):

Esse modo de se pensar sobre o tempo como uma instância narrativa, subordinada a uma função da narração, habita muitas formulações de um sem número de vários outros pensadores, que as destacam em variados gêneros e formas das mais diversas culturas e sociedades, pelas quais se narra pela

palavra escrita o tempo, a sua noção heurística e holística, a sua compreensão cósmica, funcional e cotidiana, a sua figuratização em relógios e calendários. (MARTINS, 2021, p. 30).

O que seria a leitura senão diálogo? Nada pode ser frio, é urgente esse processo interativo através do texto implicado em mensagem, em processo de expansão daquilo que é feito para ser comunicado. Daí se questionar e se estabelecer essa narrativa acerca do ensino da literatura na escola regular – nada deve acontecer sem a presença do corpo, sem a atuação dos sentidos, porque a escrita é o registro daquilo que deve ser dito, atravessado pelos sentidos, na quebra dos silêncios e no desamarrar das tipoias postas às escolas: Silêncio, não fale, cale a boca, leia de voz baixa, sozinho, de forma silenciosa.

Tudo isso para se chegar ao desejado: o trabalho com a arte da literatura não pode dispensar a tradição poética, encarar a literatura como simplesmente um emaranhado de signos frios a serviço de uma língua escrita, é além, é atemporal, embora ela tenha a necessidade de exercitar a linguagem da atualidade, contextualizada, com o intuito de falar dentro do leitor, sem a distância de ser distante de quem necessita dela, do eu aroma. Ela precisa despertar o fogo apagado de quem nunca descobriu a leitura como pressuposto de interação com a vida, com o outro, consigo, com o meio de um modo geral.

Esta cartografia é a certeza de trazer para a reflexão um conhecimento arraigado de maior calor produzido nos atos de fala de quem vive e se ressignifica a todos os instantes nesse devir de se achar e se perder nas curvas das linhas da estrada da vida. É compreender as dimensões de aprendizagem do corpo a partir da compreensão de outros sujeitos, daí ter a sapiência de extrair o que é mais importante, mais significativo nesse desabrochamento de afeto e desafetos.

A experiência é o caminho traçado para a descoberta, a formação do ser e seus sentidos de pertencimento em grupo, na coletividade com os outros e a formação da identidade como representação social, o momento de narrar, de dizer de si, dos atravessamentos trazidos pela memória, pela volta e revisita aos processos de formação pessoal e coletiva: as influências, o momento de experimentação, de acumular visões e multiplicar afetos e desafetos na vida. Josso (2010): “Cada professor/formador sabe disso e, no entanto, construímos os nossos cenários pedagógicos como se só tivéssemos de fazê-lo para um homem universal, espécie de protótipo ou de tipo ideal de aprendente neste ou naquele período de vida” (JOSSO, 2010 p. 229).

Este é um exercício do método biográfico e da história oral de quem se propõe a ouvir o que outros têm a dizer. É o poder de se apropriar da palavra, de ouvi-la, depois trazê-la para

o universo da escrita. São os primeiros diálogos com o entendimento das teorias estudadas. Porque nada surge do agora, a nossa história de vida é iniciada lá no corte do cordão umbilical. São parlapatices, do eu de mim, de acordo com Zumthor (2018) que envereda:

O fato de base, que constitui em poética essa comunicação, é, lembro-o, sua tendência ou sua aptidão para gerar mais prazer do que informação: alcance geral que acentua o elemento hedônico sem que a informação seja necessariamente negada, tanto faz; a maior parte dos textos literários são também, em certa medida, informativos, mas sua função informativa passa para segundo plano (ZUMTHOR, 2018, p. 60).

### **A BONITEZA DOCENTE**

Relatar tem as suas competências, suas técnicas: é um registro histórico, uma seleção antropológica, sociológica e econômica, numa leitura de desejos, ensejos e subjetividades de lembranças resguardadas no nosso imaginário, no acúmulo das nossas experiências e aprendizagens despertadas na nossa linha de sujeito da enunciação, das locuções de leituras do mundo que fazemos. É fazer pesquisa-Formação, trazer para as superfícies contribuições de vivências, de existências e trabalhos desenvolvidos ao longo da nossa vida. Seguindo o pensamento da Josso (2010), é possível saber que:

As atividades educativas visam a transmitir saberes: saber-ser, saber-fazer, e saber-pensar socioculturais. Nessas atividades educativas gastamos tempo desenvolvendo discursos, atividades que consideramos suportes eficazes para que Aprendentes iniciem um conjunto de aprendizagens. (JOSSO, 2010, p.228)

É como se tivéssemos amaciando o brejo, explico: preparar o terreno, cortar as vias, irrigar os caminhos como linhas tracejadas do inconsciente para o consciente do exercício cosmoperceptivo da leitura e das leituras as quais fazemos ao longo da vida. Eu sou professor, sou escritor e sou contador de história. Assim posso dizer de mim, do que trago e explico como pesquisa-Formação aqui explorada e desenvolvida em diálogo como a (auto)biografia de um sujeito de ação com a palavra, com o discurso cênico, artísticos, arraigado da boniteza da docência exercida no viés da vida, de seus pressupostos e paradigmas.

Faço isso porque existe em minhas essas imagens, a condição do caminho para o embelezamento: a literatura perceptiva provoca no leitor a leitura além da codificação e decodificação de signos, ela atravessa o sentido denotativo do simbólico e permite a grandeza da conotatividade. Por isso faço essa luta diária com as palavras, para que elas possam ressonar,

serem afetividades, subjetividades, condição plena para o aquecimento da razão e diálogo com a emoção instalada em cada um de nós. Para Bakhtin (2015), reflete que:

O discurso da poesia, em dúvida, é social, mas as formas poéticas refletem processos sociais mais longos, por assim dizer – “tendências seculares” da vida social. Já o discurso romanesco responde com muita sensibilidade aos mínimos avanços e oscilações do clima social, através de todos os seus elementos”. (BAKHTIN, 2015, p. 77)

Não aflora à toa, mas da preparação para o embate com a ideias, com a narrativa oral de poder escutar a própria voz narrando aquilo que é do pertencimento do agir pedagógico de quem acredita naquilo que faz, independente das dificuldades, dos olhares opressivos e dos discursos enfadonhos de que não podemos ser tão utópicos ao ponto de queremos salvar toda a humanidade, a parcela de aprendizes da escola, a porção ofertada em uma sala de aula, porque a escola não está dissociada do mundo, das instâncias políticas, sociais, econômicas e do mercado de trabalho.

Contudo, caso não exista o corpo de resistência, o sujeito discursivo para o enfrentamento do discurso opressor e das formas não democráticas de se pertencer à escola, nada deve ser feito? A inquietação e a boniteza da ação de mediar o processo comunicativa de motivar, mobilizar, trazer para o universo educativo o sujeito sedento de querer não permite a inércia. Porque os atos de compaixão devem sim ser gatilhos para que o corpo possa, deseje, tenha seus devaneios e mergulhe nesse desconhecido chamado educação. Ainda com Josso (2010), existe a delicadeza da seguinte reflexão:

O processo de formação, nas dialéticas e nos conteúdos que caracterizam uma trajetória, é progressivamente explicado a partir de questionamentos, de hipóteses, de constatações de recorrências nos comportamentos, nas atitudes ou nas valorizações, e na maneira de cada um gerir a própria vida. (JOSSO, 2010, p. 91)

É uma cartografia porque tem a emergência de existir nesse estado pedagógico de me implicar porque não é uma narrativa à toa, é o encontro da aprendizagem prática do cotidiano com o agir pedagógico proposto a partir do sujeito em formação para o inacabado. Tudo isso é o encontro das reminiscências passadas com o diálogo de sala de aula num projeto de leitura com obras literárias de autores brasileiros: *Iracema - José de Alencar*; *A hora da estrela - de Clarice Lispector*; *A máquina - Adriana Falcão* e *A escrava Isaura - Bernardo Guimarães*. Para não se ficar apenas no discurso frio do saber hegemônico importo para ser apenas escutado, no silêncio, ou preso a um conteúdo determinado que não demonstra de fato o sabor da escrita, da

escuta, da poesia existente no correr das linhas. Um outro agravante é a não participação do corpo, o aniquilamento das percepções receptivas de sinestésias, catarse, ressonâncias, retornos, empatia com o que é degustado no instante no qual o texto cria vida.

Nesta experiência houve o rompimento desse laço, o corte do cordão umbilical com a educação vertical. Aqui, o sujeito foi ativo e participativo, demonstrou prazer e fez do seu corpo arte, instrumento de arte, descoberta de linguagens, de se descosturar e se redesenhar no prazer da descoberta, do se permitir ir além dos seus limites, aptidões, competências e valores de exercer a própria força sobre si. Como nos diz Martins (2021, p. 162): “Um corpo político, autofalante, arauto do ainda não dito ou repetido, porque antes interditado, censurado, excluído, arauto do que não se explica de modo pleno, do que se mantinha dissimulado, do que não se mencionava, do que não se declarava[...]”.

Não quero aqui datar os anos das obras escolhidas, nem os estilos que as prendem dentro de uma estética. Importante é que aconteceu na escola pública, foi escolhido livremente pelos grupos formados com estudantes da segunda série do ensino médio. A partir de uma visita à biblioteca – Rosa Pinto – da Escola Estadual José Martins de Vasconcellos, cada grupo formado por estudantes mistos, as leituras foram sendo selecionadas. Freire (1996) diz que:

É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências estimuladoras da decisão da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1996, p. 107).

Importante narrar o fato pela importância dada ao corpo que se desloca, transita pelos vários espaços e ambientes escolares. Não houve um critério específico para a escolha, mas a forma como cada grupo foi se identificando com os contextos e personagens femininas das obras relatadas. O processo de leitura foi, também, organizado pelos integrantes, e o significativo se tudo foi o envolvimento e a junção feita das linguagens entrelaçadas para que a obra quebrasse o silêncio, fosse vocalizada considerando o gênero épico, lírico e dramático dos gêneros literários conhecida já na internalização das leituras. Aqui, o desejo de falar da experiência, da autonomia, do protagonismo ficando nas entrelinhas da ação desenvolvida.

...Bem, foi um momento intenso, grandioso, de gratidão e de acreditar que em meio a tanta desesperança... Tanta falta de não ter objetivo ou se limitar às carências, houve aceitação. Os estudantes quiseram e a ação aconteceu[...] A gente via no olhar, no sorriso tímido, nos braços cruzados o incomodo que seria superado, porque no dia da apresentação final, no resultado da releitura da obra escolhida, cada grupo buscou a sua melhor performance, a sua melhor atuação, a partir da escolha do ambiente que não foi o de sala de aula[...].

(Narrativa do professor pesquisador – Marcus Venicius, em novembro de 2017, Mossoró/RN).

A escola, muitas vezes, ignora esse trabalho de corpo, de aprendizagem entre a corporeidade e a cognição; entre a estética da literatura como a arte da globalidade de todas as artes. Dessa palavra dita de forma cênica, estética, recheada de possibilidades, de forma conotativa para a construção daquilo que é dito de forma metafórica. Está para a fala, para a oralidade discursiva, assim como para a performance corporal. Não é só o estudo sistematizado das escolas, dos estilos, da produção arraigada de características de uma época, é, sobretudo, o prazer da descoberta do texto alinhado com um enredo que seja capaz de cativar o leitor a partir dos primeiros instantes de leitura, de uma narrativa apta a fazer inferências com a realidade, com o contexto sócio afetivo e cultural do interlocutor.

[...] eu nunca pensei em minha vida de ser tão corajosa... Poxa, fazer uma índia na escola, fazer um cenário debaixo da mangueira e todo mundo olhando pra mim, meu Deus, nem na minha igreja. Eu sou tímida, mas também não vou dizer que não gostei, né. Agora eu topo, quero nem saber, assim é bem melhor... O ruim foi só as furadas nos pés e as formigas, mas o resto...[...] vai ter de novo quando, professor, já estou com vontade de me amostrar... (Entrevista com L.M, em novembro de 2017, Mossoró/RN)

Para isso, é preciso quebrar as marcas de um ensino Literário tradicional, comprometido com a transmissão de uma linha do tempo literária com a finalidade dos disciplinar de fazer o estudante decorar informações acerca do estilo, tais como: características, autores, principais obras e ser provado do mais importante que é a descoberta da obra peça leitora, pela degustação da escrita.

Em um país considerado de poucos leitores, é preciso a mudança de foco, trazer para o processo de ensino e de aprendizagem da literatura, o prazer existente na arte e fazer dela a arte da palavra, do movimento, do expresso, da encenação, da autorreflexão crítica acerca do que está escrito.

Descobrir as informações a partir do que é apresentado no texto escrito, fazer a leitura comparada com outros enredos que a abordem a mesma temática em épocas diferentes e poder emitir juízo de valor nos textos lidos.

Porque a Literatura é importante na modulação da condição humana. Através dela, é possível a compreensão maior acerca da diversidade existente neste campo artístico: a produção literária por homens, por mulheres, pelos clássicos catalogados pela academia brasileira de regras, pelos escritores contemporâneos, alternativos, regionais, locais, muitas vezes sem

espaço na própria escola ou educação de um modo geral. De acordo com Zunthor (2018), é possível saber que:

A performance dá ao conhecimento do ouvinte espectador uma situação de enunciação. A escrita tende a dissimulá-la mas, na medida do seu prazer, o leitor se empenha em restituí-la. A compreensão passa por esse esforço. Que, a partir de benefício, tentou esclarecer abrir e às vezes obscureceu fecha parêntese a ideia de anunciação. (ZUMTHOR, 2018, p.65)

E o que é o trabalho com a literatura? Deve ser um trabalho de prazer. A sala de aula não deveria ser um espaço de estudar a linha do tempo literária, mas a literatura, o texto, a poética do texto, os processos de construção e a forma/estilo como os vários gêneros textuais surgiram e estão até os dias de hoje no nosso meio. Essa divisão didática é terrível. Ainda faz parte da escola Behaviorista: aprender pela repetição, pela decoreba, pelos processos de corte entre um estilo e outro.

O estudo da literatura deveria ser diferente: oficinas de leituras e descobertas, espaços de diálogos, comparação entre vários escritores e estilos, descobrir por temáticas, quebrar as instâncias de apresentar apenas os clássicos e ler os desconhecidos, os autores locais, da atualidade, os que estão no mercado consumidor.

Bom seria que não fosse apenas um instante, mas o maior tempo gasto no processo de ensino e de aprendizagem... é onde eu vejo a boniteza, o desejo e a arte de ser docente, porque a literatura é mágica, a arte é essa plenitude de fundir os dois lados do ser... Minha maior felicidade é saber que eles foram felizes, trouxeram para o exterior os gritos guardados dentro de cada um, e todos passaram a ser personagens, para mim, desse enredo contado a tantas vozes... tantas emoções.... (Entrevista do Professor-pesquisador – Marcus Venicius, novembro de 2017, Mossoró/RN)

## **IDEIAS ARREDIAS**

Aqui não se encerra, aqui só principia. É o enredo de uma ação de boniteza, de arte, de desejo, de acreditar na condição humana, a educação livre de amarras, como deve ser a arte e a literatura. Não podem ser um lugarzinho de tempo fechado, mas a grande expansão do sentimento, das emoções, dos processos de aprendizagem mais significativos.

É possível? Tudo é possível quando o sujeito da aprendizagem se sente movimentado pelo mediador do conhecimento, no seu processo de agir pedagógico e de buscar o trabalho com a autonomia, com o protagonismo do sujeito da aprendizagem. Porque dentro da nossa essência existe as escolhas, o caminho, o material. Não é à toa que resolvi escrever em primeira pessoa, como recorte biográfico de uma pesquisa-formação.

Era preciso ser uma cartografia, pois este trabalho indica o mapa de onde queremos chegar e de onde partimos para se chegar aonde desejamos. Tudo é desejo, tudo é esse princípio que nos move. E o que dizer da parlatice? Quatro ou cinco palavras: as nossas lembranças, as ruas, as pessoas, as primeiras formas de arte e de literatura que ficam para sempre, mesmo que o tempo e a passagem deste tentem arrancar essas folhas da gente.

Parece não ser um registro científico, mas é. Ele tem o rigor necessário e o método para não arrancar a boniteza do desejado, dessa conduta de que necessitamos de pessoas com o coração humano, aquecido, de um olhar brando e peculiar ao mesmo tempo. A gente enxerga o longo e vai desbravando essa terra seca sedenta de chuva. A gente vai

tecendo esse processo de ensino e de aprendizagem numa mediação do agir pedagógico mais flexível, livre da dogmatização e da instrumentalização que sufoca as iniciativas de um saber mais crítico e reflexivo, de dentro do sujeito da aprendizagem para as superfícies das relações históricas, sociais e culturais.

Foi a cartografia de um reconto da boniteza do ser professor, escritor e contador de história no chão da sala de aula, com sujeitos da anunciação, com a poética da arte literária e o dialogismo das personagens em constante percepção com o sujeito leitor e suas leituras além do signo, da palavra denotativa. Ainda há retalho, ainda há terra a ser adubada, campo a ser irrigado e corpos a espera de uma escola de esperança, de solidariedade, de desejos multiplicados por metro quadrado.

Como sujeito pesquisador e sujeito de formação, dou por satisfeito por esse devir, por essa cartografia perceptiva de dias de gratidão e de comunhão com os processos de aprender a saber e a pensar na condição humana e em estratégias de não permitir que o sujeito de fala não faça silêncio, grite, para todos os lados do universo aqui que o texto diz em suas cosmo percepções de unir o corpo e a cognição.

Vamos fechado a página desse livro, vamos deixando por aqui uma dica: a educação é esse viés construído por muitos lados, não podemos deixar que as portas se fechem, que as janelas emperrem, que as frestas sejam colocadas nos seus respectivos lugares e as salas de aula se tornem apenas escuridão. Porque a literatura se faz farol como recurso de ter um foco, um ponto, um lugar onde se deseja chegar para a reflexão do prazer de existir.

Literatura é luz; poética da oralidade é a nossa lanterna.

## REFERENCIAL TEÓRICO

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: a estilística** / Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. – São Paulo. Editora 34, 2015 (1ª edição).

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pedagogia filosófica: cercanias de um diálogo** / Cláudio Almir Dalbosco – São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção educação em foco)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**/ Marie-Christine Josso; tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria Conceição Passegi. Marie-Chsitrine Josso – 2ª ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUERN; São Paulo: Paulus, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**/Luiz Antônio Marcurchi. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar, poética do corpo-tela**/ Leda Maria Martins. 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogo. 2021

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação Profissional**/ Maurice Tardif. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MORIN, Edgar. **Os Meus Demónios**. Título original: *Més Démons*. Tradução de Fernando Martinho. Tradução portuguesa P.E.A. Editions Stock, 1994, 1995.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**: Paul Zumthor. Título original: *performance, réception, lecture*. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: ubu Editora, 2018.